

A FOTOGRAFIA DE RUA COM UM OLHAR PARA O TRABALHO INFORMAL DA MULHER

Street Photography with a Look Towards Women's Informal Work

DOI 10.55028/geop.v19i36

Beatriz Silva Bogarim*
Mara Aline Ribeiro**

Resumo: As ruas compõem um cenário prenhe de contrastes e contradições que instigam diferentes olhares para o cotidiano das pessoas que circulam no centro da cidade. Nesse ambiente, a fotografia de rua protagoniza experiências e indagações, e para desvendar os olhares de fotógrafas/os, é importante compreender o trabalho informal de mulheres nas ruas de Campo Grande/MS, a partir da fotografia, tendo em mente a construção da fotografia, a identificação da imagem da mulher historicamente na cidade e o trabalho feminino. A etnografia balizou a metodologia com entrevistas, pesquisa bibliográfica e análise das fotografias selecionadas, referenciadas teoricamente na antropologia e na sociologia.

Palavras-chave: Fotografia, Mulher, Trabalho, Cidade.

Abstract: The streets form a scenario pregnant with contrasts and contradictions that provoke different perspectives on the daily lives of people who circulate in the city center. In this environment, street photography takes center stage, offering experiences and inquiries. To unravel the perspectives of photographers, it is important to understand the informal work of women on the streets of Campo Grande/MS, through the lens of photography. Consideration should be given to the construction of the photograph, the

Introdução

O então estado de Mato Grosso uno foi dividido em 1977, em decorrência de fatores políticos, econômicos e territoriais. A cidade de Campo Grande foi indicada como capital do recém criado Estado de Mato Grosso do Sul - MS, o qual remonta um cenário considerado recente para pensar a vida cultural, política e social.

Localizado na região centro-oes-te do país, o MS faz fronteira com dois países, a Bolívia e o Paraguai, e detém a maior planície de inundação do mundo, o Pantanal (IBGE, 2020). Essas características facilitam o processo migratório de bolivianos/as, paraguaios/as e brasileiros/as decorrentes de outros estados, cartografando uma constituição populacional híbrida, com nuances características de povos fronteiriços.

* Mestranda bolsista pela CAPES em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Graduada em Ciências Sociais, na modalidade Bacharelado em Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: beabogarim@gmail.com.

** Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1994). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1998) e doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (2013). E-mail: mara_aline@yahoo.com.br.

historical portrayal of women in the city, and the role of female labor. Ethnography guided the methodology, involving interviews, bibliographic research, and analysis of selected photographs, theoretically referenced in anthropology and sociology.

Keywords: Photography, Woman, Work, City.

A capital foi fundada em 1899 e conta com uma extensão territorial de 8.092,951 km (IBGE, 2021). Nesses 122 anos, as especificidades da cidade foram se transformando com o decorrer do tempo, redesenhando a organização territorial, sobretudo, nos últimos 44 anos como capital do estado.

A dinâmica de uma cidade pode ser percebida de diferentes maneiras, conforme o olhar de quem a observa, neste artigo, a narrativa visual assume o papel de apresentação dos caminhos para construir a análise sociológica por intermédio das ruas, tendo em conta que a estrutura da cidade percorre as relações sociais, econômicas e de mercado. Assim, o objeto de estudo aqui é a fotografia de rua, por ser um elemento de representação da cidade por intermédio do *locus* das interações sociais e das trajetórias dos grupos e indivíduos que estão inseridos em uma tradição cultural que as transcende (Eckert; Rocha, 2003).

Se faz necessário lembrar que a fotografia de rua tem características específicas que a difere de outras categorias de fotografia porque está vinculada ao espaço público, à descontração, onde se subentende que a essência da imagem é o momento de uma explícita interação entre fotógrafo e fotografada/o, apenas pelo olhar da câmera, sem pose, sem autorização, sem envolvimento, sem iluminação própria.

O estudo se aproxima do urbano por meio da fotografia de rua, tendo a

cidade como lugar estratégico para compreender a sociabilidade contemporânea. Quando se fala das/nas ruas, as leituras e os referenciais podem partir de diferentes contribuições, sejam geográficas, históricas, antropológicas, sociológicas e poéticas, nas palavras de Manoel de Barros, em que “as ruas inventam poetas que já nasceram tristes”. A rua apresenta a sociedade enquanto coletividade, sendo o lugar onde a vida coletiva acontece.

A partir das inúmeras possibilidades proporcionadas pelos mais diferentes contextos das imagens nas ruas, optou-se por direcionar a análise, exclusivamente, para o trabalho de mulheres nas ruas de Campo Grande, o qual garante um arranjo espaço-temporal dentro da vida social que se desenrola das mais diversas formas.

O trabalho feminino realizado nas ruas é entendido nesse artigo dentro da precarização da mão de obra da mulher e analisado em decorrência das disparidades sociais que as imagens apresentam em comum.

No contexto da pesquisa, o ponto de contato e de aproximação com o campo vem da observação familiar desenvolvida por Gilberto Velho (2013), que discute a questão respaldada na ideia de cidade.

Da janela de meu apartamento vejo na rua um grupo de nordestinos, trabalhadores de construção civil, enquanto alguns metros adiante conversam alguns surfistas. Na padaria há uma fila de empregadas domésticas, três senhoras de classe média conversam na porta do prédio em frente; dois militares atravessam a rua. Não há dúvida de que todos esses indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral estou habituado com sua presença, há familiaridade. Mas, por outro lado, o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos, crenças, valores é altamente diferenciado (Velho, 2013, p. 72).

A observação familiar mostra cenários habituais que configuram nome, lugar e posição aos indivíduos, resultando em categorias por meio de estereótipos. De acordo com Velho (2013), o que é visto no cotidiano das ruas está ligado às categorias sociais, que dizem respeito a como o mundo social é mapeado por estereótipos, como, por exemplo, o trabalhador nordestino, que pode ser identificado como ignorante; ou o surfista, como maconheiro e alienado, entre outros julgamentos.

A construção dessa hierarquia familiarizada precisa ser estranhada para a construção da pesquisa, pois conhecer o cotidiano da cidade e suas e seus atores “não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema” (Velho, 2013).

A vivência da e na cidade se alcança nesse texto a partir do viver como pesquisadora na cidade de Campo Grande e das interpretações possíveis por meio das fotografias de rua. Gilberto Velho (2013) auxilia a questionar as bases epistemológicas da antropologia como a ciência do outro distante, aproximando o olhar para o cotidiano da experiência da cidade. O uso da técnica da fotografia de rua vem ao encontro da experiência de estranhar e observar os/as atores sociais em suas atividades, muita das vezes esquecidas pelo cotidiano da cidade.

A reflexão presente neste artigo perpassa o momento da pandemia de covid-19, o estudo exigiu o uso da etnografia online ou, como denomina Robert V. Kozinets (2014), netnografia. A pesquisa em meio online foi realizada considerando o distanciamento social e a utilização do virtual como observação essencial do mundo contemporâneo. Isto posto, pelo viés etnográfico, a pesquisa tende a descrever as práticas da fotografia em ambiente urbano das ruas.

A seleção dos fotógrafos foi feita a partir da técnica bola de neve, ou seja, um tipo de amostragem utilizada na pesquisa qualitativa que demanda uma “pessoa-base” para a seleção das/os demais participantes, assim, cada participante indica outra/o, pela relação e aproximação com as ruas de Campo Grande. Então, pela referida técnica foram selecionados dois fotógrafos do sexo masculino, Álvaro Herculano e Higor Bandeira. Aqui, o gênero não interfere na análise, e sim as imagens, mesmo sendo referenciado na questão do trabalho da mulher, porque ambos utilizam o movimento de fotografar relacionado ao caminhar, seja pilotando uma moto ou circulando de bicicleta até o trabalho.

Os fotógrafos estruturam os olhares pelas lentes de formas diferentes, seja usando a própria câmera do celular, câmeras semiprofissionais ou profissionais. A partir das edições, dos contrastes e do olhar, se diferencia a fotografia de cada um, como, por exemplo, se ambos os fotógrafos fotografarem em um mesmo ambiente, o resultado final das fotos de cada um, provavelmente, consistirá em registros variados.

Álvaro Herculano, se identificou como fotógrafo, e utiliza, principalmente, a câmera do celular para observar e registrar as manifestações nas ruas, por sentir mais facilidade de manuseio. Para ele, a fotografia da rua é uma forma de “respirar” em meio ao cotidiano, tornando assim registros casuais. A fotografia de Higor Bandeira tem em particular sua ligação com a mobilidade, com o uso da bicicleta como transporte que o aproxima da rua e da imagem a ser fotografada, chamando seus registros de “fragmentos”, essa especificidade o caracteriza como fotógrafo de rua.

A condução metodológica foi baseada em entrevistas semi estruturadas, onde os fotógrafos relatam sobre o interesse e o início do trabalho com fotogra-

fia, o objetivo deles com suas imagens e a representação das ruas na fotografia de cada um. As fotografias utilizadas para a análise antropológica e social que oportunizaram a construção da pesquisa foram indicadas por eles. Dessa forma, a imagem de mulheres no trabalho informal se encontra, como posição diária de registro dos fotógrafos pela cidade.

Convém lembrar que o período de pandemia não fugiu às lentes dos fotógrafos, uma vez que as imagens e as narrativas são permeadas por símbolos pandêmicos, como, por exemplo, o uso de máscaras, possibilitando tecer o trabalho das mulheres antes e durante o período de pandemia.

Diante do exposto, algumas indagações se tornaram constantes na construção das ideias, sendo a rua um local ocupado por símbolos, como se caracteriza a territorialidade do trabalho feminino nas imagens? Como a fotografia de rua constrói um registro frente ao cotidiano da cidade e das pessoas que a circundam?

Na tentativa de desvendar as inquietações, é importante compreender o trabalho informal de mulheres nas ruas de Campo Grande, referenciada na fotografia de rua, tendo em mente a construção da fotografia de rua, a identificação da imagem da mulher historicamente na cidade e a trajetória do trabalho informal feminino. A informalidade é analisada aqui como trabalho exercido nos espaços públicos, sem condições adequadas e expostas às intempéries, normalmente desenvolvido por mulheres pobres na velhice, que escolhem a área central da cidade para trabalhar. A palavra velhice - definição mais abrangente do fenômeno do envelhecimento - é em referência a mulheres acima de 60 anos.

A velhice é compreendida pela perspectiva sociocultural, econômica e biológico/comportamentalista (Siqueira; Botelho; Coelho 2002), com ênfase na noção sociocultural em que a sociedade estabelece as funções e preferências de cada idade na divisão social do trabalho, levando em conta uma perspectiva economicista, por meio da qual, na velhice se pré-estabelece a ruptura com o mundo produtivo e com a ideia biológica das alterações fisiológicas dos organismos, juntamente com a demanda de políticas públicas de saúde.

A fotografia da rua é o registro real de uma sociedade dentro das possíveis interpretações de seu território como local de pertencimento, de identidade e elemento de expressão do cotidiano. A noção de território utilizada no artigo se refere às ideias de Milton Santos (1999), que o entende como local usado, sendo fundamento para o trabalho, residência, trocas materiais, espirituais e, enfim, do exercício da vida.

O texto está estruturado em duas partes, a primeira localiza historicamente a cidade e as ruas de Campo Grande, mostra a importância da imagem para a

construção histórico-cultural de um lugar referenciada na fotografia de rua e nas ruas. Em seguida, apresenta a experiência dos fotógrafos nas ruas destacando as territorialidades presentes em suas produções. A potência da imagem feminina nas ruas passa por uma interpretação das manifestações do espaço urbano e do habitual. Por fim, a diversidade mediante a representação das imagens encaminhadas à análise dentro das narrativas de sobrevivência e viventes que habitam esse território.

A história e as ruas de Campo Grande

A história da cidade de Campo Grande se inicia como um vilarejo no sul do estado de Mato Grosso. A região era ocupada por indígenas e paraguaios remanescentes das missões jesuítas espanholas até o início do século XVIII. A decadência das minas de ouro em Cuiabá – então capital do estado - e em outras localidades no século XIX acentuou as instabilidades políticas e econômicas em algumas províncias. Esses fatores possibilitaram a migração de cuiabanos, goianos, mineiros, paulistas e gaúchos para a região sul de Mato Grosso (Weingärtner, 1995). As migrações para essa parte do estado decorrem da fertilidade do solo e pela expressiva quantidade de gado bovino produzido na área do Pantanal.

No ano de 1872, o mineiro José Antônio Pereira saiu de Monte Alegre, Minas Gerais, rumo ao sul do Mato Grosso. Nesse contexto, a história “oficial” constrói José Antônio Pereira como fundador da cidade, ao vir em comitiva para a região e se estabelecer no encontro de dois córregos que se chamariam Prosa e Segredo. Por outro lado, a história oral admite a existência de uma comunidade composta por negros/as desde antes da chegada do fundador, liderada por uma ex-escrava de nome Eva Maria de Jesus, conhecida como Tia Eva, conforme afirma a historiadora Vânia Lúcia Batista Duarte (2018): “Descendentes de Tia Eva solicitaram à Fundação Cultural Palmares, em Brasília, um estudo sobre antepassados para ter registros oficiais da chegada da ex-escrava” (entrevista online, 2018).

A historiadora afirma que seus antepassados ajudaram no desenvolvimento do município, mas nem sempre são lembrados. Nesse embate entre fundador ou fundadora, José Antônio Pereira foi reconhecido na história “oficial” como responsável pela sistematização da ocupação do povoado e demarcações de posses para as pessoas que manifestaram interesse em se estabelecer no vilarejo. A localização do município (Figura 01) foi um fator importante para os “desbravadores” da região, considerando a qualidade do solo, a amenidade da temperatura, a exuberância da vegetação e a qualidade das pastagens.

A cidade sempre teve, destacadamente, uma dinâmica própria, tanto que data de 1905 a formação das ruas no primeiro Código de Posturas, que estabelece normas para melhorar a organização da cidade, como, por exemplo, ordenamento para propaganda, limpeza urbana, festas de rua, conservação de calçadas, feiras livres, arborização, entre outros. Segundo Oliveira Neto (2005) “Naquela época, existia apenas uma rua no vilarejo, mas as normas postas para as ruas e praças já eram pensadas”.

Somente em 1909, o engenheiro Nilo Javari Barém foi contratado pela Intendência Municipal para fazer o projeto do desenho da planta urbana. A realização implica a reestruturação do Código de Postura, conta com influência de ideais positivistas que preveem uma organização urbana moderna como ruas retilíneas em direção ao centro. Assim, o primeiro arruamento de Campo Grande foi na rua Afonso Pena, atual rua 26 de agosto e na Avenida Marechal Hermes, atual Avenida Afonso Pena.

Nos estudos do geógrafo Antônio Firmino de Oliveira Neto (2005), a estruturação e reestruturação do espaço urbano de Campo Grande analisam a importância da rua 14 de Julho como elemento de sociabilidade, de concentração das manifestações sociais e das decisões políticas. A referida rua e proximidades, durante muitas décadas, agrupam as principais atividades econômicas, políticas e sociais da cidade, sendo responsáveis por apresentar para os campo-grandenses e visitantes a dinâmica comercial local, por estarem próximas à estação ferroviária e contarem com representativa circulação de pessoas e mercadorias. Os produtos e pessoas chegavam, principalmente, pela ferrovia, assim novas ideias e novas necessidades se inserem no cotidiano dos habitantes.

Ao longo do período de ocupação do vilarejo, até ser indicada como capital do novo estado, as ruas, as sociabilidades e a concentração da vida social foram mudando. Concomitantemente, os locais na cidade ganharam novas formas de usos e tradições.

Na atualidade, as características das ruas, especialmente nas áreas centrais, se transformam em um lugar quase que exclusivamente de consumo. Com a intensificação da produção e distribuição de mercadorias, os hábitos são estabelecidos principalmente, mediados pelo dinheiro, interferindo no planejamento do espaço urbano e promovendo intervenções para facilitar o fluxo do transporte e ampliar eixos de expansão urbana e comercial. Dentro das facilidades de comunicação e transportes, impondo novos ritmos e espacialidades na cidade, as ruas de Campo Grande reconhecem diferentes tipos de mudanças socioculturais.

O click das ruas

As modificações urbanas ao longo dos séculos podem se configurar pela construção e reconstrução da cidade mediante registros fotográficos. As imagens, no contexto histórico-cultural, são responsáveis pela criação de arquivo iconográfico da vida social das/os habitantes.

A fotografia, como é conhecida nos dias atuais, passou por inúmeras transformações no decorrer do tempo, historicamente contada pela descoberta por químicos e alquimistas desde a antiguidade (Falcão, 2019) e compreende muitas contribuições de ideias-conceitos tendo como um dos primeiros registros de fotografia tirada na França, em 1826, por Joseph Nicéphore Niépce. A utilização de câmeras fotográficas data de 1839, tendo como referência o francês Louis Jacques Mandé Daguerre, usada para registrar momentos específicos onde a câmera permanecia imóvel.

Por volta de 1888, a empresa Kodak começou a produzir uma câmera que pudesse ser transportada (Costa, 2018), sendo um marco para a fotografia feita em câmeras com filmes e posteriormente a criação de armazenamento em cartão de memória e câmeras compactas.

No século XIX a fotografia começa a ganhar força e a fazer parte da vida cotidiana (Carvalho, 2016). Desde o primeiro registro de fotografia até o momento atual, somente na virada para o século XX a fotografia ascendeu como um elemento significativo na área da informação (Moura, 2019). Os avanços das ferramentas de impressão permitiram registros em movimento, podendo difundi-la na área da informação pelo advento da fotografia de imprensa, assim, várias inovações científicas e técnicas foram surgindo.

O começo do século XXI marca o aparecimento de telefones móveis com câmeras fotográficas digitais, recorrente da massificação da internet, fomentando a forma de fotografar e utilizar a fotografia por todas as pessoas e em qualquer lugar, sem descaracterizar, obviamente, o primoroso trabalho artístico de fotógrafos/as profissionais que utilizam equipamentos de última geração.

Com o início das imagens digitais, a fotografia passa a ser mais recorrente na representação do cotidiano, fomentando de forma documental, jornalística, artística ou como lazer. De acordo com Falcão (2019), o impacto da imagem digital confere um grande marco na formação e continuidade da globalização:

O impacto da fotografia digital não se fez sentir na sua totalidade até à primeira década do Século XXI, sendo que eventos históricos muito significativos tais como os ataques de 11 de setembro de 2001 foram ainda na sua quase totalidade fotografados com recurso a câmeras fotográficas analógicas. A facilidade e rapidez que a evolução de tecnologia

digital veio permitir na captura, edição e transmissão de fotografias (acompanhada da globalização), conduziu a que a maioria dos jornais e revistas fizesse a transição da fotografia analógica para a digital (Falcão, 2019, p. 13).

No início da história da fotografia, sua utilização estava relacionada aos registros fotográficos de signos e locais de poder, como, por exemplo, prédios públicos e monumentos, mas, com o decorrer do tempo e o avanço da ciência e da tecnologia, a produção de câmeras fotográficas móveis possibilitou o registro em movimento, ou seja, de pessoas e animais. Os fenômenos de urbanização e do expansionismo também contribuíram para a evolução do olhar imagético que acompanhava o desenvolvimento local em decorrência das perspectivas globais e mudanças territoriais.

Nesse contexto, surgem diferentes categorias e estilos dentro da fotografia, tais como, a fotografia social, de moda, a documental, a publicitária, o fotojornalismo, a macrofotografia, entre outras. Para a análise aqui proposta, os olhares são para a construção da imagem como instrumento da rotina que perpassa os atores sociais nas cidades, assim, será usada a categoria fotografia de rua, que tem como base para o seu surgimento o fotojornalismo e a fotografia documental (Oliveira; Ito, 2017). Esses dois ramos de fotografia possuem uma linha tênue de relação e diferenciação: o fotojornalismo tem como foco a informação, com objetivo de cumprir as pautas e demandas de uma notícia, já a fotografia documental se caracteriza pela consolidação de documentos científicos, de viagens e outras práticas sociais.

A diferença na fotografia de rua está na forma que consegue representar o cotidiano, o olhar atento, a busca por expressões naturais e não posadas (Oliveira; Ito, 2017), ou seja, o exercício de olhar para o cotidiano, a representação das particularidades, os vazios e os excessos, no intuito de capturar o cenário urbano. Essa forma de fotografar é ideal para observar as expressões e manifestações das dinâmicas na cidade. Logo, o cotidiano urbano por meio da fotografia de rua constrói a experiência da mulher e do homem comuns, que vivenciam as ruas no cotidiano da cidade. Carvalho (2016) argumenta que:

Mais do que um gênero fotográfico com características próprias, a street photography deve ser compreendida como uma tradição que remonta ao início do século XX e revela o potencial da fotografia como instrumento documental e poético do cotidiano. Com forte ressonância na estética da fotografia documental e jornalística, a fotografia de rua conjuga a diversidade, o caos, a velocidade das ruas com um olhar criativo e original sobre as banalidades do dia a dia (Carvalho, 2016, p. 84).

Os fotógrafos, independentes de estarem com suas câmeras fotográficas em mãos, estão nas ruas, caminham pela cidade e constroem suas práticas de olhares nos acontecimentos da vida comum, sempre em estado de observação, de atenção

aos detalhes, às vezes imperceptíveis, assim o olhar é o exercício mais importante desse profissional. As imagens têm valor com histórias do território e os sujeitos, a compreensão da materialidade, mas também na subjetividade (Moura, 2019), visto que são permeadas de descrições dos costumes, do habitual, do que não é percebido por quem somente passa pelas ruas e não trabalha com fotografia.

O olhar da fotografia de rua se assemelha à busca por enxergar aquilo que é familiar ao cotidiano, que muitas vezes passa despercebido, mas o fotógrafo consegue estranhá-lo ao ponto de registrar. Segundo Gilberto Velho (2013), o que nos é familiar pode ser conhecido e próximo, mas nem todo o desconhecido é necessariamente estranho e distante. A fotografia é usada como um mecanismo entrelaçado à profusão de uma maneira de ver, de resistência e ressignificação identitária, sendo necessária ser vista também por outros olhos, observada como resultado de interpretação da realidade a partir das opções do observador/a.

O fotógrafo Álvaro Herculano, nascido na cidade de Rio Verde, no interior do Mato Grosso do Sul, começou a observar as ruas quando se mudou para a capital. Inicialmente o fotógrafo registrava elementos da natureza e as chamadas fotografias de retrato, descritas por Herculano como ensaios que predispõem direcionar a pessoa para foto. Mas foi nas ruas que conseguiu desenvolver a sua prática e aperfeiçoamento, percebendo que o seu estilo fotográfico condizia em registrar a essência das pessoas, sem pose ou pontos delimitados, conforme relato (todas as entrevistas receberam transcrição literal) abaixo:

Sempre uso fone no ouvido quando estou fotografando, viro as costas e vou, bem escondido. Algumas pessoas até criticam... que aquilo ali talvez seja errado no modo de pensar da pessoa, mas eu penso que a rua é um local democrático, livre e que todas as pessoas que estão ali, estão sujeitas a algum tipo de intervenção (Álvaro Herculano, 17 nov. 2020).

O debate acerca do uso da imagem na pesquisa antropológica e sociológica é pertinente para pensar a fala de Álvaro Herculano. A discussão compreende em como pode ser feita a imagem e quais os seus usos. Para além da questão ética, acredita-se que a fotografia e a imagem para a pesquisa nas ciências sociais devem ser orientadas por teor teórico e técnica metodológica. Segundo José de Souza Martins (2022), o fotógrafo é o coadjuvante do ato da imagem, assim a interação se torna recíproca entre o ato de fotografar e quem mais vier a vê-la.

A fotografia, na condição de registrar o ambiente em que se vive, vincula as concepções socioculturais do próprio fotógrafo e da sociedade em que ele pertence (Frاندoloso, 2014), embora a noção e interpretação da fotografia perpassa múltiplas problematizações por caracterizar um recorte do real. A dinâmica fotográfica

de Álvaro Herculano propõe pensar o olhar da fotografia, as características técnicas e as experiências que desembocam em uma maneira particular de ver a cidade.

Na soma do cruzamento de olhares, o fotógrafo Higor Bandeira molda a perspectiva das ruas de Campo Grande a partir de sua experiência como feirante:

Tudo me ajudou muito a moldar o meu olhar fotográfico, um olhar que tento buscar o que são as pessoas em uma questão social periférica. Mostrar quem vive na cidade e como lida com a cidade. Até mesmo, como ela lida com a caligrafia urbana... que é a pichação. Eu gosto muito de fazer esse registro. Então, desde o momento que trabalhei na feira quando era moleque. Foi o que moldou muito esse meu olhar... porque eu conversava com muita gente diferente, eu conversava com pessoas de diferentes culturas (Higor Bandeira, 06 out. 2020).

A fotografia, para Bandeira, está posta como uma forma de interação entre a cidade e as pessoas. Na dinâmica em que foi traçando o olhar fotográfico com as ruas, procurou desenvolver os registros por fragmentos da vida diária das/os habitantes. A imagem por fragmento confere mais uma opção dentre as infinitas maneiras de olhar o ambiente.

Sendo assim, a fotografia das ruas de Campo Grande oferece visibilidade às mudanças e acontecimentos da vida corriqueira, as sociabilidades e disparidades sociais postas são colocadas por meio da fotografia para identificar e questionar as manifestações na cidade. O exercício de interpretação fotográfica constrói determinadas maneiras de ver o território em suas singularidades, narrativas da vida social e marginalizados cenários de poder.

Com base no desenvolvimento dessas ideias, a análise passa a ter uma perspectiva com base no trabalho da mulher nas ruas. Assim, com o auxílio da fotografia de rua e a experiência dos fotógrafos, a figura feminina está posta frente à observação.

Álbum da cidade: o trabalho informal da mulher nas ruas de Campo Grande

A reprodução fotográfica, a partir do século XX, constrói a imagem de uma sociedade industrial em processo de adaptação, desenvolvimento, tecnicidade, modos de organização e valores. Nesse meandro, a cidade se apresenta em um contexto de crescente urbanização, em busca de imagens com exatidão, impessoalidade, capacidade de reprodutibilidade e rapidez de produção, transformando-se em um ambiente ideal para ser fotografada. Cada vez mais as imagens se tornam acessíveis, no sentido de ver o espaço onde se habita e lugares longínquos (Moura, 2019).

Com os fenômenos de urbanização, a cidade se apresenta em um cenário de poder, representada pelos monumentos históricos, marcos referenciais e grandes

obras urbanas, porém sem atores, sem a visão das ruas, do mundo do trabalho. Nesse quesito, todas as ações nas ruas, os locais tidos como marginalizados, ou não, estão ausentes das imagens, levando a indagações do tipo: “Onde estão as mulheres, as crianças, os homens, as dores e os amores da/na cidade?”

No início do século XX, as mulheres eram retratadas, em sua maioria, nos espaços domésticos. Por se tratar de poder e visibilidade, a figura masculina e representantes de classes abastadas exerciam maior autonomia na fotografia. Além da imagem feminina nas ruas não ser usual, o trabalho na fotografia feito por mulheres quase não existia.

Em busca do olhar feminino na fotografia em um contexto histórico, tem-se como referência a fotógrafa Hildegard Rosenthal, que nasceu na Suíça e passou a juventude na Alemanha e, em 1936 foi morar em São Paulo, onde começou a fotografar a vida urbana e principalmente as pessoas da cidade, chegando a comercializar as fotografias para jornais e revistas brasileiras. A construção das suas imagens passa por um olhar atento e treinado, sendo a figura da mulher a fonte de inspiração e um elemento de observação da cidade de São Paulo, conforme aponta a Figura 02.

Figura 02: Pedestres na praça do Patriarca



Fonte: Hildegard Rosenthal. São Paulo/SP, 1940.

Outros nomes na história da fotografia feminina brasileira são importantes, dentre elas, Gioconda Rizzo, tida como a primeira fotógrafa profissional, retratou mulheres e crianças em estúdio. No século XX, Nair Benedicto, já pensava no papel da mulher na sociedade, especialmente das classes mais baixas. Mesmo assim, a presença de mulheres na vida cotidiana da cidade se fez presente em uma história pouco fotografada. Ao longo do tempo, os eventos da história fotográfica foram se consolidando, e a imagem feminina começou a despontar.

No cenário atual, é possível observar com mais ênfase o trabalho feminino na fotografia, seja por meio das redes sociais, jornais, exposições ou em museus. Porém, a princípio, a categoria fotografia de rua não está entre as principais escolhas das fotógrafas, considerando a experiência de mobilidade na cidade, principalmente desenvolvida pela fotografia de rua, a qual exige certa imersão pelos diferentes bairros da cidade. O ato de fotografar a rua impõe caminhar pelas calçadas em busca da rotina dos atos, sendo a mobilidade da vida urbana diretamente ligada ao cotidiano dos habitantes e de grande importância ao acesso dos diferentes espaços da cidade (Jirón, 2007). Assim, a experiência de mobilidade é vivenciada de formas diferentes por homens e mulheres, tornando-a não homogênea.

Nesse contexto, a antropóloga Paola Jirón (2007), discute sobre a acessibilidade ser distribuída de forma desigual entre os indivíduos na cidade. A noção de espaço feminino, está dado de forma mais reduzida na cidade, o que condiz com o medo de violência e com a construção das cidades feitas por homens e para homens (Sampapé, 2019). A iluminação e a forma que as ruas são planejadas elencam como o espaço público não acolhe mulheres, por uma lógica ideológica liberal do capital em que a noção de mulher seria aquela dona de casa, cuidando dos filhos, sem precisar circular pela cidade.

Dessa forma, as imagens escolhidas para análise dos fotógrafos elencados apresentam três elementos em comum: gênero, idade e relação racial no trabalho informal. A imagem feminina da Figura 03 nas ruas de Campo Grande pode ser vista mediante experiência de mulheres idosas desenvolvendo vendas de jogos de loteria, alimentos e hortifrúti, mercadorias que não estão no formato do mercado, muito provavelmente produtos da agricultura familiar e embalado por elas mesmas.

Figura 03: Mulher indígena trabalhadora de rua

Fonte: Álvaro Herculano. Campo Grande/MS, 2019.

Álvaro Herculano retratou a venda de legumes e mel por uma senhora indígena, sentada e aparentando cansaço. A localização da imagem e os cartazes identificam que a vendedora expõe os produtos junto à fachada de um supermercado no centro da cidade e com representativa circulação de pessoas, favorecendo a comercialização da mercadoria. Com o apoio de caixotes de madeira, bacia e sacolas plásticas, o trabalho visto na imagem pode ser retratado como informal, autônomo, sem CNPJ e realizado sem carteira assinada (Pinheiro, 2021).

A partir de análise sociológica, é possível traçar, simplificada, a trajetória de vida das mulheres até o ímpeto do trabalho informal desenvolvido na velhice. No estudo de Rita Maria Pinheiro (2021), a condição da mulher é marcada dentro do patriarcado como sistema de dominação e suas consequências. Pelo domínio dos homens sobre as mulheres nos grupos domésticos e nas comunidades, ao longo do tempo essa relação se moldou e continua como definidor das relações de poder e de dominação social:

Mantém-se na organização e na dinâmica das relações de gênero, definindo os instrumentos de dominação que atuam na sociedade, através das leis e costumes – cultura. É um sistema estruturante do poder político, econômico e social, que sustenta a opressão

sobre as mulheres, o que explicaria o sentimento que nos faz sentir menores que os outros, impotentes diante da vida (Pinheiro, 2021, p. 96).

Mesmo na lógica de dominação do patriarcado, a autora mostra evidente um percurso feminino que não deve ser visto apenas pelo viés de gênero, mas de acordo com outros fatores como, por exemplo, o trabalho informal, marcado por mulheres com dificuldade para encontrar o primeiro emprego ou reingressar no mercado de trabalho, o qual se potencializa pelo avanço da idade e por ser indígena. As características dessa informalidade permeiam a baixa remuneração, falta de condições adequadas, trabalho exercido em espaço público e exposição às intempéries, como representa a imagem de Álvaro Herculano.

O fator racial no cenário brasileiro também se configura como uma condicionante a essa mão de obra. Da juventude até a velhice, as mulheres precisam se inserir no mundo do trabalho, enviesadas pelas discriminações raciais e geracionais. Assim, enfrentam, em cada momento da vida, formas de discriminações que se complementam:

Entendê-las é pressuposto para pensarmos políticas de enfrentamento e de combate às discriminações de gênero, raça/cor e geracional. As mulheres negras se encontram na base da pirâmide ocupacional e social. O racismo presente na sociedade e nas instituições leva milhões de mulheres à exclusão, extrema pobreza e à violência. A maioria dessas mulheres vive nas periferias das grandes cidades, são chefes de família e fazem parte das mães “solo”. Segundo estudos, as mulheres hoje representam em torno de 40% dos chefes de família e mais de 35% são “mães solo”, ou seja, são as únicas responsáveis pelos filhos e filhas (Pinheiro, 2021, p. 103).

As mulheres historicamente estão nos trabalhos mais precários e informais, potencializados pela ausência de políticas públicas de saúde, educação e de cuidados, o que implica maior vulnerabilidade. Dentro dessa expropriação de direitos e da falta de proteção social, a informalidade pode resultar em trabalho considerado escravo.

Segundo Jacques Mick e João Carlos Nogueira (2021), o racismo e o trabalho informal no Brasil reforçam as desigualdades. A manutenção do trabalho escravo até os dias atuais representa a reprodução social de um ciclo vicioso de exclusão da população negra:

Para a historiografia mais atenta ao período da abolição e pós-abolição, poucas dúvidas restam sobre a opção pelo branqueamento como projeto de nação. Decorrência disso, a segregação racial explícita, principalmente no acesso a elementos fundamentais como educação, oportunidades de trabalho e serviços qualificados, na emergente industrialização brasileira (Mick; Nogueira, 2021, p. 212).

Assim, os desequilíbrios estruturais persistem em uma trajetória que resulta na subsistência. A despeito dos avanços e melhorias no setor educacional, com a desindustrialização crescente e o aumento do trabalho no setor de serviços, o déficit de igualdade está na base de todo o desenvolvimento capitalista brasileiro, tendo como essência a exploração da mão de obra feminina, mas em especial de mulheres negras e com baixa escolaridade.

Nos espaços públicos, primordialmente na rua, a impessoalidade da multidão assedia diariamente a/o trabalhador/a informal que, vulnerável, torna-se desconfiado, frustrado e inferiorizado (Cerqueira, 2008). O comércio popular da cidade atrai diversos consumidores, e diferentes processos discriminatórios rondam as mulheres trabalhadoras estereotipadas por serem idosas, negras, indígenas ou fronteiriças, majoritariamente bolivianas.

Independente da “violência” vivida pelas mulheres em trabalho informal no território de rua, a experiência e a necessidade econômica promovem a construção de laços e pertencimento às ruas da cidade. Assim, a venda nas ruas do comércio popular, tem histórico nos processos de urbanização e de territorialização, sendo de grande importância no cotidiano do centro da cidade:

Para o comércio popular é estratégica a localização no centro. Com fácil acesso por transporte público, equipado com infraestrutura e serviços que criam centralidade, ou seja, que polarizam os fluxos de pessoas, ocupar estes espaços é estratégico para o comércio ambulante. É na interrupção do passo do transeunte que o ambulante vende a sua mercadoria (Godoy, 2021, p. 85).

A mulher idosa tem por prática estabelecer seu espaço de comercialização, considerando a condição de saúde, dificuldades de locomoção, dentre outros fatores da velhice. Nesse caso, o trabalho informal representa condições mínimas de vida, moradia, comida e reintegração social. Sendo o desemprego aliado pelo processo de globalização da economia, da desigualdade na distribuição de bens e de oportunidades sociais, permeia o trabalho informal pela falta de opções de trabalho (Alencar, Campos, 2006). Tais elementos ganham proporção ao adentrarem a velhice, e a falta de políticas públicas direcionadas para essa população acentua os problemas relacionados à questão de saúde e do bem estar, uma vez que a prevenção com seu próprio corpo não é uma escolha para o trabalho.

Na Figura 04, Higor Bandeira retrata uma mulher negra, idosa, usando máscara e uniforme do Pantanal Cap, jogo de sorte em que concorre a carros, motos e prêmios em dinheiro. A imagem é marcada pela pandemia da covid-19, a qual trouxe à tona preocupações sanitárias e de saúde. No contexto pandêmico, novas formas de sociabilidades surgiram para a manutenção da vida social e para

combater a doença, como o isolamento social, o contato virtual, entre outros. Porém, quais corpos podem ficar em isolamento e quais corpos precisam ir para rua trabalhar e se expor ao coronavírus?

Figura 04: Mulher em trabalho de rua durante a pandemia da covid-19



Fonte: Higor Bandeira. Campo Grande/MS, 2020.

Na imagem é possível notar a realidade do trabalho informal mesmo em tempos de pandemia. A lógica do negócio e do ganho continuou, pela manutenção do capitalismo e como forma de subsistência e da sobrevivência da própria família. Assim, “[...] o capitalismo, mais uma vez, mostrou fissuras e perversidades e, ao mesmo tempo, deixou evidente que é capaz de se retroalimentar mesmo em situações de vulnerabilidade mundial” (Durães, 2021, p. 362).

A crise sanitária mundial da covid-19 revelou uma desigualdade de contextos e modos de precauções e cuidados da doença. O Brasil, em especial, revela historicamente a concentração de renda de quem gera vulnerabilidades sociais e privilégios (Correia *et al.*, 2020). A Seguridade Social desenvolvida por políticas de saúde, previdência social e de assistência social, por vezes não oferta a proteção necessária pelas demandas da sociedade, considerando que a pandemia deixa em evidência os grupos em vulnerabilidade e as assistências que necessitavam.

Nesse processo, o Auxílio Emergencial aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pela Presidência da República, foi estabelecido pela Lei n. 13.982 no dia 2 de abril de 2020. O auxílio tem como intuito beneficiar a população em situação de vulnerabilidade durante a pandemia, oferecendo o pagamento no período de três meses de R\$600,00 sendo limitado a quantia de R\$1.200,00 por núcleo familiar. Por muitas atividades terem sido agravadas durante o período, o auxílio se tornaria uma ajuda aos/as brasileiros/as. Contudo, o acesso e uso do auxílio governamental demandava habilidade tecnológica e equipamentos com-

patíveis com os aplicativos bancários. Sendo assim, dificultando a inserção de pessoas idosas que necessitam dos recursos para sobreviverem. A falta de amparo deixou um percentual elevado de mulheres sem o auxílio, resultado talvez de pouca informação e auxílio, tendo essas mulheres que continuar indo para as ruas, em uma condição de total ausência do Estado durante a pandemia da covid-19.

Quando a informalidade permanece ou se insere entre a população idosa, pode significar que a aposentadoria não garante viver com o mínimo necessário para subsistência (Alencar; Campos, 2006). Os valores, defasados, concedidos pela previdência social continuam levando idosos/as ao trabalho informal e insalubre, na ânsia de suprirem as demandas em gastos com a saúde. Dessa forma, o trabalho informal na velhice, se justifica em uma sociedade que remunera mal os/as trabalhadores/as, que não proporciona condições de inserção na formalidade e, sobretudo, que não fortalece e expande políticas públicas direcionadas às pessoas idosas.

No viés de exploração do trabalho, o capitalismo, ao longo do tempo, passa por metamorfoses, e a informalidade vai se modificando, formando novos serviços, profissões ou outros modos que continuam mantendo as marcas das desigualdades. Na Figura 05, a imagem da mulher se aproxima da análise a partir do aparato tecnológico, como elemento do mercado para promover as vendas com equipamentos que facilitam a comercialização dos produtos.

Figura 05: Mulher em trabalho de rua, destaque para a máquina de cartão de crédito e celular



Fonte: Higor Bandeira. Campo Grande/MS, 2021.

O território dessas mulheres no espaço público, com suas vendas, deixa evidente a definição de desigualdade com a ideia de que a existência do dinheiro no território não se dá da mesma forma (Santos, 1999). Dentro da informalidade, também é preciso se adaptar frente aos atuais meios do mercado, seja pela máquina para pagamento com cartão de crédito ou pelo pix, que é um pagamento eletrônico instantâneo e gratuito, oferecido pelo Banco Central do Brasil a pessoas jurídicas e físicas. O dinheiro, de maneira geral, cria as leis e as impõe ao mercado e, conseqüentemente, à população, forçando adaptações e mimetismos.

O dinheiro do meio informal repercute na formalidade do mercado de grandes empresas e dos governos mundiais. Na lógica do mercado, por menor que seja o comércio, é fundamental para a atividade monetária, pois empresas globais dependem de pequenas contribuições para que possam manter o seu poder (Santos, 1999). Então, por meio do trabalho informal, o Estado consegue dar manutenção ao sistema de grandes potências cristalizadas à medida que sancionou a divisão dos mundos econômicos formais e informais.

A análise por meio da fotografia de rua concede uma das formas de questionar o cotidiano do trabalho das mulheres que começam a se destacar nas ruas por seus afazeres, até o momento em que a velhice repercute nos espaços públicos da cidade. A presença da idosa no trabalho informal considera ainda um local importante no mercado de trabalho, o qual não está dado apenas como maneira de sobreviver frente a um capitalismo perverso, mas também de sociabilidade de corpos por vezes esquecidos.

Considerações finais

As discussões aqui produzidas procuraram compreender o trabalho informal de mulheres nas ruas de Campo Grande, por intermédio da fotografia de rua. A partir das entrevistas semiestruturadas com os fotógrafos e pelas fotografias selecionadas (devidamente autorizadas) nos perfis das redes sociais, foi possível estabelecer três pontos em comum nas imagens, quais sejam: a mulher, a velhice e a relação racial no trabalho informal. O formato de fotografia adotado para análise possibilita a identificação das mudanças físicas e subjetivas operadas na experiência dos fotógrafos e na trajetória das mulheres frente ao mercado de trabalho e ao processo de urbanização.

O deslocamento pelas ruas, como exige a etnografia e a fotografia de rua, gera a interpretação da vida social na cidade. Porém, em tempos de pandemia da covid-19, a noção de se deslocar pelas ruas foi feita por meio da narrativa de experiência dos próprios fotógrafos.

Assim, nas imagens é possível identificar o mundo do trabalho informal da mulher, constituído no território desenvolvido em espaços públicos. Além disso, identificou a imagem da mulher, historicamente, na cidade. A análise permitiu compreender que a trajetória feminina dentro da informalidade está para além do viés de gênero, repercutindo nas discriminações racial e geracional que enfrentam ao longo da vida, sobretudo, as mulheres em condições de vulnerabilidade econômica e com idade avançada.

Diante destas afirmações e com as discussões feitas ao longo deste texto, é possível perceber as configurações do conhecimento da vida urbana na e pela imagem que os fotógrafos compartilham como trabalho. Tal qual os/as pesquisadores/as constroem na etnografia de rua, os fotógrafos exploram os espaços urbanos por meio dos seus passos, descobrindo e reverberando seus territórios. A fotografia de rua exige a intimidade de quem faz a foto e olha para o cenário, pertencendo a uma relação de afetividade com a rua e com suas atrizes e seus atores. A sensibilidade do olhar do fotógrafo se relaciona com a percepção do antropólogo ao observar a cidade, pois a tem como objeto temporal, lugar de trajetos e percursos sobrepostos (Rocha; Eckerte, 2003) frente a trama das ações cotidianas.

Ao retratar os cenários cotidianos das ruas os fotógrafos cartografam a cidade de Campo Grande, tem-se, assim, a imagem em concílio com a escrita da análise antropológica e sociológica, codificando a produção visual, como instrumento de estudo. Nesse caso, ao conhecer o contexto sociocultural da produção, por meio da história da fundação da cidade até a instituição como capital do estado de Mato Grosso do Sul, foi possível compreender o exercício do olhar dos fotógrafos entre a cidade e o acúmulo de experiência fotográfica.

Com isso, a hipótese da análise de que a rua é um território primordialmente masculino, viabiliza pensar na mobilidade, a não mobilidade ou a mobilidade restrita como ato diário que revela a qualidade de vida urbana por dar acesso aos diferentes espaços da cidade, porém, quando encontra a figura feminina, experimenta um movimento não homogêneo.

Ao observar as imagens dos fotógrafos, a projeção da mulher frente à urbanização chamou a atenção em relação à velhice e às condições de trabalho informal como parte do roteiro das ruas de Campo Grande. A discussão frente à informalidade entoa as condições precárias das relações de trabalho com consequências graves de médio a longo prazo.

Partindo do exercício do olhar preconizado pela fotografia de rua, este artigo apresenta uma reflexão sobre a produção visual como importante meio de análise. Consubstanciada nas ideias de Victa de Carvalho (2016), a fotografia se

torna elemento chave para a compreensão do cotidiano urbano, da experiência das pessoas comuns, identificando as mudanças físicas e subjetivas da cidade sempre em movimento, a fotografia de rua utilizada como investigação revela seu potencial de instrumento documental e, inclusive, poético do cotidiano.

Nesse enlace, os acontecimentos e pessoas comuns que são fotografadas dentro da perspectiva das ruas, tende a transformar o ordinário em extraordinário ganhando luz ao que, por vezes, passa despercebido pelo dia a dia das cidades. Além disso, a pesquisa, permitiu identificar o trabalho informal de mulheres na velhice, analisando o déficit em que são colocadas ao longo da vida e possibilitando a investigação da relação interseccional entre relações raciais e de gênero nas imagens. Por fim, as fotografias construíram determinada maneira de ver o território feminino do trabalho informal em suas singularidades em um cenário marginalizado de poder.

Partindo do exercício do olhar preconizado pela fotografia, esse artigo procurou jogar luzes sobre as imagens feitas nas ruas, em busca de uma reflexão sobre a produção visual como importante meio de análise. Além disso, permitiu identificar o trabalho informal de mulheres na velhice, instigando o déficit em que são colocadas ao longo da vida e possibilitando a investigação da relação interseccional entre relações raciais e de gênero nas imagens. Por fim, as fotografias construíram determinada maneira de ver o território feminino do trabalho informal em suas singularidades em um cenário marginalizado de poder.

Referências

- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- CARVALHO, V. A experiência do homem comum na fotografia de rua contemporânea. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 32, p. 80-92, ago. 2016.
- CERQUEIRA, M. B. Quando a rua é dos velhos: trabalho informal, saúde e condições de vida. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 235-249, jul./dez. 2008.
- CORREIA, D.; SANTOS, A.; BRITO, K.; GUERRA, L.; VIEIRA, K.; REZENDE, C. Auxílio emergencial no contexto de pandemia da COVID-19: garantia de uma proteção social? **JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care**, v. 12, p. 1-9, 2020.
- COSTA, M. Diga X: uma breve história da fotografia. **Blog - Universidade Tuiuti**, Curitiba, 02 ago. 2018. Disponível em: <https://www.tuiuti.edu.br/blog-tuiuti/diga-x-uma-breve-historia-da-fotografia#:~:text=A%20primeira%20fotografia%20de%20que,feitas%20por%20alquimistas%20na%20Antiguidade>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- D'ALENCAR, R. S.; CAMPOS, J. B. Velhice e trabalho: a informalidade como (re)aproveitamento do descartado. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, [S. l.], v. 10, 2006.
- DUARTE, V. L. B. Afinal, quem chegou primeiro em Campo Grande, José Antônio ou Tia Eva? **Jornal on-line Campo Grande News**, Campo Grande, 26 ago. 2018. Disponível em: <https://www.campgrandenews.com.br/lado-b>. Acesso em: 15 ago. 2023.

DURÃES, B. R. Do trabalho informal tradicional ao uberizado: história, inovação e pandemia. **Revista NAU Social**, v. 11, n. 21, p. 361-375, nov. 2020 / abr. 2021.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Iluminuras**, v. 4, n. 7, 2003.

FALCÃO, D. R. L. **Timeline da história da fotografia**. Trabalho de Investigação apresentado ao Instituto Politécnico do Porto, ESMAD – Porto, 2019.

FRANDOLOSO, L. F. O flâneur: o acaso na fotografia de rua, o novo flâneur e suas maneiras de registrar o cotidiano com dispositivos móveis. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15., 2014. **Anais [...]**. Palhoça: Intercom, 2014.

GODOY, T. M. P. Territorialidade do trabalho informal: a centralidade periférica dos vendedores ambulantes. *In*: MARQUES, L. **Trajetórias da informalidade no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Área territorial brasileira 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/campo-grande.html>. Acesso em: 07 set. 2023.

JIRÓN, P. Implicancias de género en las experiencias de movilidad cotidiana urbana en Santiago de Chile. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, Caracas, v. 12, n. 29, 2007.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MICK, J.; NOGUEIRA, J. C. Racismo e trabalho informal no Brasil: quando desigualdades estruturais se reforçam. *In*: MARQUES, L. **Trajetórias da informalidade no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

MOURA, D. F. Everyday Brasil: Pensando representações fotográficas do território em rede no Brasil. *In*: COLÓQUIO DE FOTOGRAFIA DA BAHIA, 2., 2018. **Anais [...]**. Salvador: Escola de Belas Artes da UFBA, 2018. p. 105-124.

OLIVEIRA, K. P. B.; ITO, M. A. A; MAIER, V. Aspectos da fotografia de rua e a essência do olhar humano. *In*: JORNADA CIENTÍFICA UNIVEL, 15., 2017, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: UNIVEL, 2017.

OLIVEIRA NETO, A. F. **A rua e a cidade**: Campo Grande e a rua 14 de julho. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.

PINHEIRO, R. M. O patriarcado na trajetória das trabalhadoras informais: mulheres invisibilizadas. *In*: MARQUES, L. **Trajetórias da informalidade no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

SAMPAPÉ. Mulheres são as que mais caminham, e as que menos decidem nas cidades. **Jornal on-line Carta Capital**, São Paulo, 28 mar. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/mulheres-sao-as-que-mais-caminham-e-as-que-menos-decidem-nas-cidades/>. Acesso em: 18 out. 2023.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **Revista GEOgraphia**, ano 01, n. 01, 1999.

SIQUEIRA, R. L.; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, n. 7, p. 899-906, 2002.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WEINGÄRTNER, A. A. S. Campo Grande o impulso do desenvolvimento nas rotas de gado, nos trilhos do trem e nos caminhos de Mercossul. Campo Grande. **Revista ARCA**, Campo Grande, n. 5, 1995.